



LUTAS E SONHOS: A BUSCA POR (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DO KAINGANG DA ALDEIA GYRÓ, PELOTAS/RS

LUIZA MORAIS MARQUES¹
LORI ALTMANN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – luiizamarquess@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo contextualizar a trajetória do povo Kaingang em Pelotas e o significado de terra e território para os povos indígenas. O estudo faz parte do processo de acompanhamento do povo Kaingang e sua instalação na terra localizada na Colônia Maciel, denominada Aldeia Gyró.

Este trabalho faz parte da minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e está relacionado à área de Etnologia Ameríndia. Toma como base autores/as que realizaram pesquisas com o povo kaingang ou com outros povos indígenas. Tem como propósito relatar o significado e a importância que a terra, no seu sentido amplo que território possui para os povos indígenas, indo muito além de um espaço geográfico.

Um dos interlocutores Kaingang que contribuiu para esta pesquisa, o Vice Cacique nesta época, Alcir Salvador (2017) disse: “se a gente tem terra para morar, a gente tem tudo”. Entendo que esta é uma premissa de que “se não forem consideradas as formas específicas através das quais diferentes grupos indígenas imprimem sua lógica territorial ao seu espaço, o risco será de reduzir a abrangência das relações territoriais à produção e às atividades de subsistência”, como bem pontuou a antropóloga Dominique Gallois (2004, p. 41).

Alcir também nos narrou que antigamente seus ancestrais trilhavam os matos desta cidade, procurando cipó e eram “invisíveis” às pessoas do município. Relatou que em sonhos recebeu um chamado para voltar a povoar esta zona. A partir desses sonhos, a luta pela terra começou a materializar-se dando os primeiros passos. A dimensão de um território indígena tem relação com a existência e a perpetuação do povo Kaingang. Sua narrativa expressou a importância do sonho para a mobilidade e a tomada de decisões dos Kaingang. Expressou ainda uma noção muito ampla de território, que o faz reportar aos tempos antigos (*väsy*, em língua Kaingang), anteriores à chegada dos colonizadores. Segundo Kimiye Tommasino e Ledson Kurtz de Almeida: “o movimento de territorialização Kaingang sobrepõe-se às territorialidades da sociedade capitalista fundada na propriedade privada” (2014, p. 18). Talvez por esse motivo exista um estranhamento por parte de nossa sociedade em relação a uma concepção de território tão distinta da nossa, como a deste povo indígena.

A antropóloga Barbara Glowczewski ajuda-nos a compreender a importância do sonho e a fala de Alcir, acima mencionada, quando escreve:

É por isso que é tão importante enfatizar que a noção do sonhar, dos ancestrais do sonho, do tempo do sonho, não se refere a um simples tempo das origens, mas a um espaço-tempo que abrange simultaneamente o passado, o presente e o futuro, e no qual estão estocadas todas as possíveis combinações entre os elementos da



existência (GLOWCZEWSKI, 2015, p. 62)

Para a melhor compreensão do tema a ser abordado é necessário destacar o significado de terra e território de forma ampla, para futuramente ser desenvolvido no trabalho de campo. Sendo assim, terra e território indígena são terminologias dos desdobramentos de uma cultura ocidental, que incorporam categorias de espaço, como “território”, “limite”, “fronteira” etc., para articular maneiras de cerceamento da cultura (BINDA, 1999).

Nesse sentido, a definição que o território possui para os povos originários, é uma perspectiva que vai muito além de um espaço geográfico, “a terra é como “mãe” [...] e a mãe cuida dos filhos desde concepção, desde nascimento, cuida do crescimento, cuida na vida adulta, cuida durante a velhice” (BANIWA, 2017). Sendo entendida como lugar de pertencimento, referência cosmológica, histórica e cultural. Possuindo uma conexão muito forte com a terra relacionada a uma cosmovisão própria, que vai além de uma primeira percepção de produção de artesanato, habitação e produção de alimentos. Para Paul Little “Outro elemento fundamental dos territórios sociais é encontrado nos vínculos sociais, simbólicos e rituais que os diversos grupos sociais diferenciados mantêm com seus respectivos ambientes biofísicos” (2004, p. 263).

2. METODOLOGIA

Devido ao período pandêmico tenho mantido o distanciamento em relação à comunidade indígena, por preocupação sanitária em relação as pessoas, que a compõem. Tenho mantido contatos esporádicos com alguns/mas indígenas através das redes sociais.

Diante da impossibilidade de ir a campo, a metodologia utilizada no acompanhamento deste coletivo Kaingang da Aldeia Gyró, foi o resgate de registros realizados durante o período de 2016 a 2018, através de rodas de conversas, priorizando sempre a “escuta sensível” (BARBIER, 1998). Para a escrita deste trabalho revisitei meu diário de campo, fruto de observação participante (DA MATTA, 1984, p.143), do qual trago trechos de diálogos onde saliento a importância do território para a etnia Kaingang.

Na pesquisa bibliográfica recorri a diferentes autores e autoras, que tratam da questão da terra, território e territorialidade, em especial autores/as indígenas e apoiei-me em fontes documentais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O principal resultado para a comunidade indígena foi a conquista de uma área de terra cedida pela Prefeitura Municipal de Pelotas, sendo esta declarada de Especial Interesse Social e Cultural (LOECK; ROSA; TILLMANN e TEIXEIRA, 2020), para a instalação da aldeia na zona rural, na altura do km-94 da BR-392, em local denominado Colônia Santa Eulália, próximo à Colônia Maciel. Entretanto, a quantidade, a qualidade e a topografia do terreno são consideradas pela comunidade como insuficientes para a sobrevivência digna das 16 famílias Kaingang. Este coletivo kaingang, desde sua chegada ao município de Pelotas,



foi apoiado por diferentes entidades, universidades e secretarias municipais. Entre estes apoios cito: viagens à sua terra indígena de origem em Santa Catarina para buscar matéria prima para artesanato e suporte para a venda de artesanato no centro da cidade. Acompanhando de lideranças em visitas para contatos e para mapeamentos na busca de novos e mais adequados espaços, para a continuidade do modo de ser kaingang, entre outros.

O primeiro resultado desta pesquisa foi a defesa de meu trabalho de Conclusão do Curso de Serviço Social, na Universidade Católica de Pelotas – UCPel, com o título: “Tecendo reflexões sobre território: uma análise sobre o direito originário indígena”. Muitos registros foram tomados nesta caminhada conjunta e desta forma continuo, agora na Antropologia, coletando dados etnográficos e bibliográficos para a pesquisa, com o objetivo de levar para a comunidade acadêmica e, principalmente, para este coletivo Kaingang, o trabalho em desenvolvimento na pós-graduação, com enfoque a partir da Etnologia Ameríndia.

4. CONCLUSÕES

O trabalho é fruto de desenvolvimento em conjunto com o coletivo Kaingang desde 2016 até o momento presente. O qual representa a importância de registrar a trajetória deste coletivo, visto que não há muitos trabalhos que contem sua história e todo o significado e representação que o território tem em suas vidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, Rene. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (coord.) **Multireferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BINDA, Nadja Havit. Processos e produtos territoriais: território indígena é terra indígena? **Revista de estudos em relações interétnicas**, v.3, n.1, 1999.

DA MATTA, Roberto. Trabalho de Campo. In: **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1984.

GALLOIS, Dominique T.. Terras ocupadas? Território? Territorialidades? In: RICARDO, Fany (org). **Terras Indígenas e Unidades de Conservação da Natureza - O desafio das sobreposições**. São Paulo: Instituto Socioambiental / ISA, 2004 (pp. 37-41).

GLOWCZEWSKI, Barbara. **Devires totêmicos:** cosmopolítica do sonho. Tradução: Jamille Pinheiro e Abrahão de Oliveira Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015. 352 p. Edição bilíngue.

LITTLE, Paul E.. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia de territorialidade. **Série Antropológica**, n. 322, UnB, Brasília/DF, 2002.



LOECK, Robson Becker; ROSA, Rogério Reus Gonçalves da; TILLMANN, Reinaldo e TEIXEIRA, Adriana de Moraes. Mbyá-Guarani e Kaingang frente à pandemia de covid-19 na região sul do Rio Grande do Sul. **Tessituras**, v.8, s1, jan-jun 2020, Pelotas, RS.

TOMMASINO, Kimiye e ALMEIDA, Ledson Kurtz de. Territórios e territorialidades Kaingang: a reinvenção dos espaços e das formas de sobrevivência após a Conquista. Dossiê – estudos sobre as sociedades jê (kaingang e xokleng) no sul do Brasil. **Mediações**, Londrina, v. 19 n. 2, p. 18-42, jul./dez. 2014.

BANIWA, André. Disponível em:

<<https://walimanai.wordpress.com/2017/04/05/a-relacao-dos-povos-indigenas-com-a-terra/>>. Acesso em 25 de junho de 2018.